

**NO “RITIMO”  
DA ESCRITA:  
EPÊNTESE VOCÁLICA  
E GRAFIAS NÃO  
CONVENCIONAIS NO SEXTO ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL  
EM PONTA GROSSA (PR)**

**EN EL “RITIMO” (‘RITMO’) DE LA ESCRITURA: EPÉNTESIS DE VOCALES Y ORTOGRAFÍAS  
NO CONVENCIONALES EN EL SEXTO AÑO DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL EN PONTA  
GROSSA (PR)**

**IN THE “RITIMO” (RHYTHM) OF WRITING: VOWEL EPENTHESIS AND UNCONVENTIONAL  
SPELLINGS IN A SIXTH-YEAR CLASS IN PONTA GROSSA, PARANA**

**Jheniffer Amanda Dias\***  
Universidade Federal do Paraná

**Márcia Cristina do Carmo\*\***  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Tayná Maria Coelho Bugai\*\*\***  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

---

\* Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). E-mail: jhenifferamandadias@gmail.com.

\*\* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com pós-doutorado pela University College London (UCL). Docente adjunta na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/DEEL), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). E-mail: mccarmo@uepg.br.

\*\*\* Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). E-mail: taynabugai@outlook.com.

RESUMO: Este trabalho analisa grafias não convencionais relativas à epêntese vocálica em textos de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de Ponta Grossa, Paraná. Nesta pesquisa, são investigadas, portanto, ocorrências de presença e ausência de vogal que fogem às regras da convenção ortográfica, como, respectivamente, em *internete* (para *internet*) e *opnião* (para *opinião*). Como referencial teórico, segue-se o Modo heterogêneo de constituição da escrita (Corrêa, 2004). O corpus analisado conta com 203 produções textuais de alunos de duas escolas da rede pública (Mendes, 2013). Como resultados gerais, foram levantadas 33 ocorrências, sendo 27 (81,8%) de inserção de vogal, como em *diginidade* (para *dignidade*), e 6 (18,2%) de ausência, como em *cicrets* (para *chicletes*), que evidenciam as marcas, na escrita, da circulação dialógica do escrevente pelas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade e letramento. Aquisição da escrita. Grafias não convencionais. Epêntese vocálica.

RESUMEN: Este artículo analiza las ortografías no convencionales relacionadas a la epéntesis vocálica en textos de alumnos del sexto año de la enseñanza fundamental de Ponta Grossa, Paraná. En esta investigación, por lo tanto, se investigan las ocurrencias de presencia y ausencia de vocal que se desvían de las reglas de la convención ortográfica, como, respectivamente, *internete* (por *internet*) y *opnião* (por *opinião* ‘opinión’). Como referente teórico se sigue el modo heterogêneo de constitución de la escritura (Corrêa, 2004). El corpus analizado cuenta con 203 producciones textuales de alumnos de dos escuelas públicas (Mendes, 2013). Como resultados generales, se levantaron 33 ocurrencias, 27 (81,8%) de inserción vocálica, como *diginidade* (por *dignidade* ‘dignidad’), y 6 (18,2%) de ausencia, como *cicrets* (por *chicletes* ‘goma de mascar’), que muestran las marcas, en la escritura, de la circulación dialógica del escritor a través de las prácticas sociales de oral/hablado y letrado/escrito, respectivamente.

PALABRAS CLAVE: Oralidad y letramento. Adquisición de la escritura. Ortografías no convencionales. Epéntesis de vocales.

ABSTRACT: This paper analyzes unconventional spellings related to vowel epenthesis in texts written by sixth-year middle school students in the city of Ponta Grossa, Paraná. Therefore, this study investigates occurrences of the presence and absence of a vowel that violate the orthographic convention of Portuguese, such as *internete* (for *internet*) and *opnião* (for *opinião* ‘opinion’). The theoretical framework used in this study was the Heterogeneous Mode of Constitution of Writing (Corrêa, 2004). The corpus consists of 203 texts written by students from two public schools (Mendes, 2013). In total, 33 occurrences were identified, 27 (81.8%) of vowel insertion, e.g. *diginidade* (for ‘*dignidade*’, dignity), and 6 (18.2%) of vowel omission, e.g. *cicrets* (for ‘*chicletes*’, chewing gum). They show the marks, in writing, of the dialogic circulation of the writer in oral/spoken and literate/written social practices.

KEYWORDS: Orality and literacy. Writing acquisition. Unconventional spellings. Vowel epenthesis.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo<sup>1</sup> objetiva analisar grafias que não seguem a convenção ortográfica em textos escritos por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas do município de Ponta Grossa, Paraná. Para este trabalho, são analisadas as ocorrências de grafias não convencionais relacionadas ao processo fonético-fonológico denominado *epêntese vocálica*, como em *ritimo* (para *ritmo*) e *saits* (para *sites*).

Esse processo corresponde à inserção de uma vogal entre consoantes em sequências de oclusiva, nasal bilabial ou fricativa surda e outra consoante, como em *ab[i]soluto*, *am[i]nésia* e *aff[i]ta*, respectivamente. Ademais, essa inserção pode ocorrer em combinações de /ʃ/ + consoante, como na adaptação de nomes alemães como *Sch[i]midt* (Collischonn, 2006; Cristófaros Silva, 2011).

Especificamente sobre a epêntese, como em *op[i]ção*, Collischonn (2006, p. 40) destaca ser uma das características do Português Brasileiro (PB) que aponta para propriedades silábicas e, “[...] na escrita, observa-se frequentemente o registro dessa vogal” de forma não convencional. Câmara Jr. (2002 [1971], 2007 [1970]) ressalta que até mesmo a ortografia oficial traz para o português vocábulos como *club* e *snob* para, respectivamente, *clube* e *esnobe*, com o acréscimo, nos exemplos, do grafema <e>. Verificam-se, também,

<sup>1</sup> Conduzido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

grafias não convencionais classificadas como hipercorreção<sup>2</sup> e atreladas a esse fenômeno, como em *advinhar* e *obdecer* (Câmara Jr., 2002 [1971]; Collischonn, 2006).

Durante o processo de alfabetização, conforme afirmam Callou e Leite (1994), o aprendiz atesta que as letras correspondem a símbolos para os segmentos fônicos da língua, porém depara-se com a dificuldade inicial da hipótese de biunivocidade entre letra e fonema. Nesse sentido, “[...] um exame de erros de ortografia na escola deveria constituir um método valioso de investigação para o linguista, pois esses erros refletem geralmente uma falta de correspondência entre o sistema de fonemas e o sistema de grafemas” (Callou; Leite, 1994, p. 46-47), o que justifica a realização do presente estudo.

Como fundamentação teórica, segue-se o *Modo heterogêneo de constituição da escrita* (Corrêa, 2004). Essa corrente teórica defende a aquisição da escrita como *processo*, sendo que as marcas linguísticas presentes na produção textual do escrevente refletem a heterogeneidade constitutiva da linguagem e, conseqüentemente, da escrita, a partir da circulação dialógica do escrevente pelas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. Segundo Corrêa (2004, p. 19): “[...] o diálogo que o escrevente procura estabelecer com a instituição acaba por colocá-lo numa posição indefinida, pois, ao investir-se do código por ela proposto - código a que teve acesso especialmente por meio da escola -, não deixa, no entanto, de enunciar em conformidade com lugares que ocupa em outras práticas sociais”.

Dos três eixos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário da escrita - (i) modo de constituição da escrita em sua suposta gênese; (ii) apropriação da escrita de acordo com o imaginário sobre o código escrito institucionalizado; e (iii) relação do texto do escrevente com o já falado/escrito -, são analisadas, nesta pesquisa, as grafias não convencionais relativas à epêntese vocálica de acordo com os dois primeiros eixos, por tratarem mais diretamente da circulação dialógica do escrevente pelas práticas sociais, respectivamente, do oral/falado e do letrado/escrito.

Para este trabalho, são investigadas 203 produções textuais provindas da pesquisa de Mendes (2013), que analisa textos escritos por alunos do sexto ano de duas escolas públicas de Ponta Grossa. As produções foram realizadas a partir de duas propostas, a primeira no gênero discursivo *anúncio publicitário*, tendo como tema a venda de produtos, e a segunda solicitava um *texto de opinião* sobre o consumo de refrigerantes.

Nas 203 produções textuais desse corpus, foram levantadas e analisadas as ocorrências de (i) inserção de uma vogal pelo escrevente em contexto inicialmente não previsto pela convenção ortográfica, como em *obejeto* (para *objeto*); e (ii) ausência de vogal prevista pela convenção, como em *notbook* (para *notebook*), ocorrências que evidenciam a heterogeneidade constitutiva da escrita decorrente do imaginário que o escrevente faz da (sua) escrita (Corrêa, 2004).

A partir do banco de dados de Mendes (2013), estudos têm sido conduzidos sobre grafias não convencionais relacionadas a outros processos fonético-fonológicos, como *rotacismo*, *vocalização* e *palatalização* (Carmo; Bugai; Dias, 2020; Bugai; Dias; Carmo, 2021). Todavia, não há registros de estudos sobre grafias não convencionais em produções textuais de estudantes de Ponta Grossa relacionadas à *epêntese vocálica*, o que evidencia o ineditismo deste trabalho.

Ressalta-se, também, que esta pesquisa se insere no âmbito de um projeto maior, Descrição Sócio-histórica das vogais do Português (do Brasil) – PROBRAVO (CNPq),<sup>3</sup> que investiga multidisciplinarymente realizações de vogais em diversas variedades do PB.

O presente artigo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, é apresentada a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa: (i) o Modo heterogêneo de constituição da escrita (Corrêa, 2004); e (ii) a epêntese vocálica. Em seguida, são detalhados o material e os passos metodológicos empregados para a condução desta investigação. Posteriormente, é feita a análise dos dados, seguida pela conclusão e pelas referências bibliográficas.

<sup>2</sup> “Ultracorreção”, na terminologia apresentada por Câmara Jr. (2002 [1971], p. 27).

<sup>3</sup> Projeto liderado pelo Professor Doutor Seung-Hwa Lee (UFMG). Mais informações em: <http://relin.letras.ufmg.br/probravo/index.php>.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como já mencionado, este artigo analisa grafias não convencionais relativas ao processo fonético-fonológico denominado epêntese vocálica, detalhado mais adiante. Como arcabouço teórico que pauta essa análise, segue-se o Modo heterogêneo de constituição da escrita (Corrêa, 2004), sobre o qual se discorre na seção a seguir.

### 2.1 MODO HETEROGÊNEO DE CONSTITUIÇÃO DA ESCRITA

O Modo heterogêneo de constituição da escrita corresponde a uma proposta teórica formulada por Corrêa (2004), relacionada à inserção do escrevente nas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerando sua circulação dialógica com o já falado/escrito e ouvido/lido. Nessa abordagem, as marcas linguísticas realizadas pelo escrevente refletem, em sua produção textual, o modo heterogêneo de constituição da escrita.

Como ponto de partida, Corrêa (2004) defende a escrita enquanto *processo*, e não *produto*, como proposto tradicionalmente pela dicotomia radical entre fala e escrita. O autor destaca a heterogeneidade que faz parte da própria língua e que, conseqüentemente, afeta a noção de norma, particularmente, da norma escrita culta. Sendo assim, evita a categorização de *erro* na escrita, classificando-o como um indício do modo heterogêneo de constituição da escrita. A partir desse embasamento teórico, as grafias que fogem à convenção ortográfica não são tomadas como *erros* neste artigo, sendo denominadas *grafias não convencionais*.

O Modo heterogêneo de constituição da escrita fundamenta-se na circulação dialógica do escrevente e na imagem que este faz da escrita, a qual é concebida como parte de um *imaginário* partilhado socialmente. Ressalta o autor que: “[...] não se trata, pois, no que se refere a esse imaginário, de uma representação tomada como falsificação do real (falsificação, por exemplo, do que, de fato, seria a escrita). Pelo contrário, por meio dela, materializam-se, linguisticamente, as relações reais entre os agentes sociais e a escrita, consideradas as práticas sociais de que, direta ou indiretamente, a escrita faz parte” (Corrêa, 2004, p. 9).

Corrêa (2004) classifica três eixos como pontos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário da escrita no momento de sua produção textual: (i) modo de constituição da escrita em sua suposta gênese, em que o escrevente prende-se a uma representação da escrita na tentativa de transcrição do oral/falado; (ii) apropriação da escrita de acordo com o imaginário sobre o código escrito institucionalizado, em que se verifica o imaginário do escrevente a partir dos estudos da tradição ortográfica que reproduz em seu texto, decorrente, sobretudo, mas não somente, do processo de escolarização da escrita institucionalizada; e, por fim, (iii) relação do texto do escrevente com o já falado/escrito, em que se observa mais diretamente a dialogia com outros textos e com a própria circulação dialógica pelas práticas sociais mencionadas.

O autor declara que não se pode encontrar isoladamente a atuação de apenas um desses eixos, já que agem de forma integrada na prática da escrita. Mesmo assim, pode-se verificar o funcionamento de cada eixo em relação aos demais. Nesse sentido, este artigo analisa as grafias não convencionais de acordo com os dois primeiros eixos propostos por Corrêa (2004): no primeiro, quando são atestadas na escrita as relações com o oral/falado; e, no segundo, quando observado o caráter institucional da escrita e, por conseqüente, suas relações com o letrado/escrito.

São investigadas as grafias não convencionais referentes à epêntese vocálica, processo apresentado mais detalhadamente na seção a seguir.

## 2.2 EPÊNTESE VOCÁLICA

Como mencionado na introdução deste artigo, a epêntese vocálica corresponde à inserção de uma vogal em sequências de determinados encontros consonantais (Collischonn, 2006; Cristóvão Silva, 2011). Em outras palavras, a epêntese consiste em um processo fonológico por *acréscimo* de vogal no interior de palavras, geralmente com regularização silábica (Roberto, 2016).<sup>4</sup> A partir dessas definições, apresenta-se a formalização geral da regra da epêntese vocálica no português, conforme ilustra Battisti (2014, p. 79):

$\emptyset \rightarrow V / C\_C$

Em relação a essa regularização silábica, segundo Collischonn (2003, 2014), é possível que algum segmento não esteja apto a ocupar a posição de ataque ou coda silábica, não estando associado a um nó silábico por conta de suas próprias características ou de seu contexto em relação a outros segmentos. Nesse sentido, a epêntese corresponde a um mecanismo de ajustamento para que a estrutura silábica não viole o princípio de Licenciamento Prosódico, que afirma que: “[...] todas as unidades prosódicas de um determinado nível devem pertencer a estruturas prosódicas hierarquicamente superiores. [...] Desse princípio decorre que toda a sequência fonológica é exaustivamente dividida em sílabas, isto é, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba” (Collischonn, 2014, p. 111).

A epêntese é apresentada na obra *O dialeto caipira* (Amaral, 2020 [1920]) como uma modificação isolada ou acidental que ocorre em vocábulos como *reculuta*, *Ingalaterra* e *garampo*. Apesar dos exemplos, a vogal epentética recorrente no PB é [i], segundo Cristóvão Silva (2011), que afirma também que consoantes epentéticas são raras no português, ocorrendo sobretudo em palavras derivadas, como em *paulada* e *cafezal*. Câmara Jr. (2007 [1970]) aponta ser /i/ (na região do Rio de Janeiro) e /e/ (em Portugal) a vogal epentética do português. Em vocábulos como *pneu* e *psicologia*, o autor afirma que a primeira consoante forma uma sílaba distinta no PB, com /i/ como ápice silábico e com relativa redução em sua emissão (Câmara Jr., 2002 [1971]).

Collischonn (2006) ressalta que a epêntese vocálica, no português, pode ocorrer não somente em posição medial, como em *rapto* → *rap[i]to*, como também em contexto inicial, como em *spa* → *[i]spa*, e final, como em *club* → *club[ɪ]* (Collischonn, 2006).<sup>5</sup>

De acordo com Collischonn (2006, p. 41), “[...] em latim qualquer consoante poderia aparecer em posição final de sílaba (exceto f), mas o português arcaico e as outras línguas romance mostram uma tendência forte para reduzir ou mesmo eliminar sílabas fechadas através de uma variedade de processos históricos, como a simplificação de geminadas e de grupos consonantais, a vocalização de consoantes e o apagamento”.

Consequentemente, as sílabas podiam apresentar soantes ou /s/ em coda. Ainda segundo a autora, o português passou por um processo tardio de empréstimo, recebendo em seu léxico obstruintes em coda silábica. Não obstante, essa sílaba com coda preenchida - CVC - tende a ser ressilabificada, no PB, como uma sequência sem preenchimento de coda (CV.CV). Sendo assim, “a epêntese vocálica pode ser entendida como uma estratégia para reparar uma estrutura silábica mal-formada em português, através da criação de um novo núcleo silábico, ao qual a consoante é anexada como ataque” (Collischonn, 2006, p. 42). Desse modo, a epêntese pode ser considerada como um processo de reforço, desfazendo encontros consonantais heterossilábicos e segmentos em coda inexistentes no PB (Seara; Nunes; Lazzarotto-Volcão, 2015).

Em seus estudos sobre a epêntese vocálica no PB sulista com a utilização do cópula do Projeto VARSUL, Collischonn (2000, 2003) aponta para a natureza variável do fenômeno, que ocorre com pesos relativos substancialmente divergentes – 0.26 para Blumenau e 0.78 para Porto Alegre, por exemplo – para a escolaridade relativa até o Ensino Médio. Em relação às variáveis independentes

<sup>4</sup> Outro processo de *acréscimo* produtivo no PB corresponde à *ditongação* ou *acréscimo* de *glides*. Embora, no PB, possa ocorrer o *acréscimo* tanto do *glide* anterior quanto do posterior, como em, respectivamente, *nó[j]s* e *do[w]ze*, o da semivogal anterior é mais recorrente (Roberto, 2016).

<sup>5</sup> No que tange ao contexto final, o processo também é denominado como *paragoge*, “fenômeno fonológico em que um ou mais segmentos são adicionados ao final de uma palavra”, como em *ante[s]* (Cristóvão Silva, 2011, p. 171).

*linguísticas*, Collischonn (2000) destaca o final de vocábulo, como em *VARIG*, como contexto favorecedor do fenômeno, com índices quase categóricos. De modo geral, a autora afirma que o acento atua como condicionador da aplicação da epêntese, a qual é favorecida quando a “consoante perdida” (Collischonn, 2000, p. 295): (i) estiver em contexto pretônico, como em *objeto*; (ii) preceder consoante fricativa, como em *advogado*, ou nasal, como em *mogno*; e (iii) for uma fricativa, como em *afta*, ou oclusiva alveolar, como em *ritmo*.

No que diz respeito às variáveis *extralinguísticas*, para as três capitais, Collischonn (2003) identifica a atuação da maior *escolaridade* como inibidora da aplicação do processo, o que justifica com base na consciência da forma escrita. Explica a autora que “[...] esse é um caso em que não é a prescritividade escolar que está agindo, mas sim, o fato de que a forma escrita tem um impacto direto sobre competência oral do falante que usa a escrita” (Collischonn, 2003, p. 291). Segundo a autora, especialmente em Porto Alegre e em Curitiba, a epêntese teria uma natureza pós-lexical, por ser gradiente, condicionada foneticamente, sofrendo interferência da velocidade da fala e sem interagir com regras lexicais. Ao contrário, no interior do sul do Brasil, mais especificamente em Panambi, Blumenau e Flores da Cunha, a autora afirma ser a epêntese uma regra lexical ou de transição entre os componentes lexical e pós-lexical. Nessas comunidades bilíngues, segundo a autora, o falante percebe a epêntese como regra categórica, e não gradiente.

Sendo a variação da epêntese condicionada pelas variáveis extralinguísticas *escolaridade* e *localidade*, esta investigação acerca das grafias não convencionais relativas a esse processo focaliza textos produzidos por alunos pertencentes à mesma escolaridade e à mesma variedade linguística: sexto ano do Ensino Fundamental de Ponta Grossa. Para tanto, são empregados o material e os procedimentos metodológicos descritos a seguir.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

Como corpus de pesquisa, são utilizadas 203 produções textuais providas do trabalho de Mendes (2013), que analisou textos de opinião escolares escritos por sessenta alunos do 6º ano do Ensino Fundamental (faixa etária entre onze e doze anos), de duas escolas públicas estaduais de Ponta Grossa (PR).

As produções textuais foram realizadas após uma sequência de atividades sobre o gênero discursivo *anúncio publicitário*, que se enquadrava no tema *consumo*, proposto conforme as orientações da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR). Assim, foram apresentadas duas propostas para a produção textual. Para a primeira (Mendes, 2013), foi solicitado que o aluno escrevesse um anúncio publicitário que aumentaria as vendas de um determinado produto (os produtos sugeridos foram: brinquedo, salgadinho tipo *Chips*, produto de maquiagem, remédio para dor de cabeça, produto esportivo). Para a segunda proposta, foram apresentados três anúncios publicitários de refrigerantes (*Coca-cola*, Guaraná *Antarctica* e *Schincariol*) presentes na *internet*, sendo, posteriormente, solicitada a composição de um texto de opinião sobre o tema “Tomar refrigerante pode fazer uma criança feliz?” (Mendes, 2013, p. 81-82).

A partir das produções textuais provenientes do corpus ora descrito, foram levantadas as ocorrências de *presença* de grafia de vogal não prescrita pela convenção ortográfica, como em *quiti* (para *kit*). Ademais, foram levantados os casos de *ausência* gráfica de vogal inicialmente prevista, como em *Sprit* (para *Sprite*).

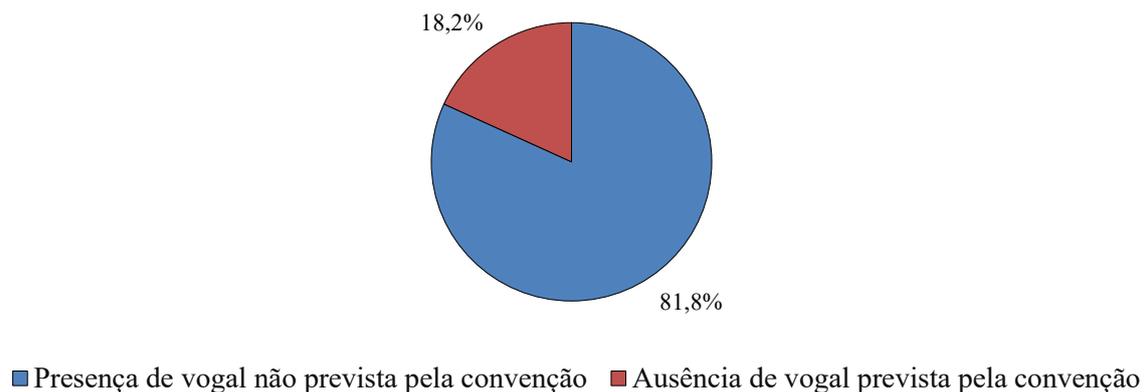
Como recorte metodológico, foram descartadas ocorrências que fogem à convenção ortográfica de presença e de ausência de vogal em encontro vocálico. Os casos de presença podem ser exemplificados com *mais* (para *mas*), *nois* (para *nós*), *pe souas* (para *pessoas*) e *voceis* (para *vocês*). As ocorrências de ausência, por sua vez, aparecem em vocábulos como *mas* (para *mais*), *dexa* (para *deixa*), *jornas* (para *jornais*) e *pos* (para *pois*). Esse descarte se justifica pelo fato de esses dados estarem relacionados a outros dois processos fonético-fonológicos com suas próprias especificidades, a ditongação e a monotongação, que, se também considerados, afetariam a exequibilidade desta pesquisa.

Com a utilização do corpus e com o emprego dos passos metodológicos descritos, procedeu-se à análise dos dados, exposta na seção a seguir.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Foram encontradas 33 ocorrências de grafias não convencionais relacionadas à epêntese vocálica, sendo todas correspondentes aos grafemas <e> ou <i> (cf. Quadros 1 e 2, mais adiante). Retomam-se, portanto, as afirmações de que a vogal epentética recorrente no PB seja [i] (Cristóforo Silva, 2011) e, na representação subjacente, /e/ ou /i/, a depender da variedade linguística (Câmara Jr, 2007 [1970]).

Das 33 ocorrências totais, observam-se: (i) 27 relativas à presença de uma vogal em contexto não previsto pela convenção ortográfica, como em *ritmo* (para *ritmo*); e (ii) 6 relacionadas à ausência de uma vogal onde convencionalmente previsto, como em *opnião* (para *opinião*). Essas ocorrências gerais são mais bem ilustradas pelo Gráfico 1:



**Gráfico 1:** Ocorrências gerais

Fonte: elaboração própria

Como observado, a maioria (81,8%) das ocorrências corresponde à *inserção* de uma vogal não prevista inicialmente. Esses 27 dados são apresentados no Quadro 1, a seguir.

Ocorrência	Grafia não convencional	Convenção ortográfica	Redação
<u>dignidade</u>	<i>diginidade</i>	<i>dignidade</i>	14
<u>internet</u>	<i>internete</i>	<i>internet</i>	46
<u>internet</u>	<i>internete</i>	<i>internet</i>	46
<u>ritmo</u>	<i>ritimo</i>	<i>ritmo</i>	54
<u>quit</u>	<i>quiti</i>	<i>kit</i>	54
<u>quiti</u>	<i>quiti</i>	<i>kit</i>	54
<u>quit</u>	<i>quiti</i>	<i>kit</i>	54
<u>quiti</u>	<i>quiti</i>	<i>kit</i>	54
<u>ritmo</u>	<i>ritimo</i>	<i>ritmo</i>	54
<u>ritmo</u>	<i>ritimo</i>	<i>ritmo</i>	54
<u>ritmo</u>	<i>ritimo</i>	<i>ritmo</i>	54
<u>Chipse</u>	<i>Chipse</i>	<i>chips</i>	86
<u>Quit</u>	<i>quiti</i>	<i>kit</i>	98
<u>pinque</u>	<i>pinque</i>	<i>pink</i>	103
<u>esquin</u>	<i>esquin</i>	<i>Schin</i>	108
<u>internet</u>	<i>internete</i>	<i>internet</i>	144
<u>quiti</u>	<i>quiti</i>	<i>kit</i>	157
<u>internete</u>	<i>internete</i>	<i>internet</i>	166
<u>altidóres</u>	<i>altidóres (2 vogais)</i>	<i>outdoors</i>	181
<u>objetos</u>	<i>obejetos</i>	<i>objetos</i>	183
<u>altidor</u>	<i>altidor</i>	<i>outdoor</i>	185
<u>altidorguis</u>	<i>altidorguis (2 vogais)</i>	<i>outdoors</i>	191
<u>chips</u>	<i>chipsis</i>	<i>chips</i>	192
<u>tablets</u>	<i>tabetis</i>	<i>tablets</i>	192
<u>chips</u>	<i>chipsis</i>	<i>chips</i>	192

**Quadro 1:** Presença de vogal não prevista pela convenção ortográfica

**Fonte:** elaboração própria, com base nos dados de Mendes (2013)

Como pode ser observado, os 27 dados apresentam a inserção de um grafema <e>, como em *internete* (para *internet*), ou <i>, como em *diginidade* (para *dignidade*), onde não inicialmente previsto pela convenção ortográfica. Constatam-se, inclusive, grafias não convencionais – 2 ocorrências de *chipis* e 1 de *Chipse* – para o vocábulo *Chips*, presente conforme a convenção ortográfica no enunciado das produções textuais em que foram registradas.<sup>6</sup>

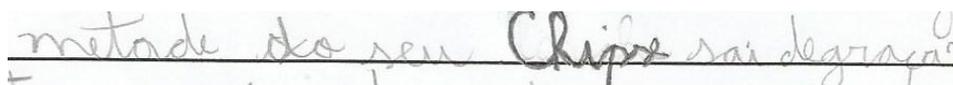
Nos dados do Quadro 1, verifica-se a heterogeneidade constitutiva da escrita a partir do primeiro eixo proposto por Corrêa (2004), aquele em que se atesta a circulação dialógica do escrevente pelas práticas sociais do oral/falado, em que “[...] o escrevente evidencia um tipo de representação da gênese da escrita em que o material gráfico é tomado como um instrumento fiel de gravação da memória sonora do falado” (Corrêa, 2004, p. 48).

Nesses casos, o escrevente identifica a pronúncia de [e] ou de [i] em cada vocábulo, resultado do processo fonético-fonológico de epêntese vocálica, e insere essa vogal por meio dos grafemas <e> ou <i>, respectivamente, no momento de sua escrita, indiciando sua circulação dialógica pelas práticas sociais do oral/falado, isto é, por tudo aquilo que já ouviu e falou.

Deve-se ressaltar, aqui, a possibilidade também de casos de *hipercorreção* quando considerado o *alçamento vocálico*, fenômeno fonético-fonológico variável em que a vogal média-alta anterior /e/ é pronunciada como a alta [i] (assim como sua contraparte posterior /o/, pronunciada como [u]), como em *m[i]nina* e *s[i]ntido*. Nesses casos de hipercorreção, a grafia do escrevente pode ser apresentada como <e> em contextos em que a convenção ortográfica prevê <i>, como em *denheiro* (para *dinheiro*) e *entestino* (para *intestino*). Pela consideração desse fenômeno variável fugir do escopo do presente trabalho e demandar um estudo aprofundado sobre a realização fonético-fonológica de vogais médias pretônicas e postônicas - mediais e finais - na variedade de Ponta Grossa, deixa-se esse tópico para futuras pesquisas.

Em 26 das 27 ocorrências do Quadro 1, a inserção da vogal representa a ressilabificação do vocábulo por meio da epêntese, realocando uma “consoante perdida” (Collischonn, 2000, p. 295) para o ataque da sílaba seguinte, como em *rit.mo - ri.ti.mo*, ou para a coda da sílaba anterior, como em *squin - es.quin*. Dessas 26 consoantes, a maioria - 18 (69,2%) – corresponde a oclusivas alveolares:<sup>7</sup> *internete* (4 ocorrências), *ritimo* (4 ocorrências), *quiti* (6 ocorrências), *altidor/altidóres/altidorguis* e *tabletis*. Como já mencionado na fundamentação teórica deste trabalho, em seu estudo sobre a epêntese vocálica no PB sulista, Collischonn (2000) destaca essas consoantes como favorecedoras da aplicação do processo, junto com as fricativas. Observa-se que as consoantes oclusivas, de modo geral, não podem ocupar a posição de coda silábica no português, sendo necessária a epêntese vocálica e, conseqüentemente, a ressilabificação, passando essa consoante a preencher o ataque da sílaba subsequente.

Das 27 ocorrências em que se verifica a circulação dialógica do escrevente pelas práticas sociais do oral/falado, o único caso em que se mantém uma consoante “perdida” é *Chip.se*, em que, apesar da inserção da vogal e criação de uma nova sílaba, mantém-se o grafema <p> no contexto correspondente à coda silábica. Quando investigado o dado em seu contexto de ocorrência (cf. Figura 1), constatam-se indícios da dúvida do escrevente em relação à grafia do vocábulo, seja pela rasura ou pelo traçado mais forte dessa palavra em relação às demais.



**Figura 1:** Ocorrência de *Chipse*

**Fonte:** Mendes (2013, redação 86)

<sup>6</sup> O enunciado contém o seguinte texto: “Suponha que você tenha que criar um anúncio publicitário para a venda de salgadinhos do tipo *Chips*. Que ideias você usaria em seu anúncio para que o produto fosse bastante vendido?” (Mendes, 2013).

<sup>7</sup> As outras oito ocorrências correspondem a: três de oclusivas velares (*diginidade*, *pinque* e *altidórguis*), três de oclusivas bilabiais (*objetos* e *chipis*, duas ocorrências), uma de rótico (*altidóres*) e uma de fricativa alveolar (*esquin*).

Quanto aos contextos, observam-se, por meio do Quadro 1, que foram inseridas vogais em posições:

- (i) Pretônica inicial, como em *esquin*, com 1 ocorrência;
- (ii) Pretônica medial, como em *diginidade*, com 5 ocorrências;
- (iii) Postônica medial, como em *ritímo*, com 4 ocorrências; e
- (iv) Postônica final, como em *internet*, com 17 ocorrências.

Dessa forma, verificam-se grafias não convencionais relacionadas à epêntese em contextos átonos inicial, medial e final, tal como descrito por Collischonn (2006) sobre as realizações do processo no nível fonético-fonológico.

Das 33 ocorrências totais, 6 dados (18,2% das ocorrências totais) dizem respeito à *ausência* de uma vogal inicialmente prevista pela convenção ortográfica, conforme exibido no Quadro 2:

Ocorrência	Grafia não convencional	Convenção ortográfica	Redação
	<i>Sprit</i>	<i>Sprite</i>	28
	<i>opnião</i>	<i>opinião</i>	42
	<i>notbook</i>	<i>notebook</i>	137
	<i>saits</i>	<i>sites</i>	149
	<i>sprait</i>	<i>Sprite</i>	170
	<i>cicrets</i>	<i>chicletes</i>	185

**Quadro 2:** Ausência de vogal prevista pela convenção ortográfica<sup>8</sup>

**Fonte:** elaboração própria, com base nos dados de Mendes (2013)

Nesses casos, identifica-se a *hipercorreção* em relação à epêntese, como apontado por Câmara Jr. (2002 [1971]) e Collischonn (2006). Em relação aos três eixos propostos por Corrêa (2004) em seu Modo heterogêneo de constituição da escrita, verifica-se o segundo eixo, relativo ao imaginário sobre o código escrito institucionalizado. Nele, atesta-se o objetivo do aluno de “alçar-se aos discursos estabilizados das instituições” (Corrêa, 2004, p. 13), neste caso representado pela instituição escolar, já que se trata de uma produção textual realizada em contexto escolar.

Nesse sentido, por meio de sua circulação dialógica pelas práticas sociais do letrado/escrito, o escrevente (i) parte da existência de vocábulos como *pneu*, *pneumonia*, *déficit* e *internet*, grafados segundo a convenção ortográfica com consoantes “mudas”, apesar de suas realizações fonéticas serem seguidas por vogal média-alta anterior ou alta anterior em sua variedade linguística; (ii) formula uma regra de hipercorreção a partir da qual grafa *opnião* (para *opinião*) e *Sprit/sprait*, *notbook*, *saits* e *cicrets* (para, respectivamente, *Sprite*, *notebook*, *sites* e *chicletes*).

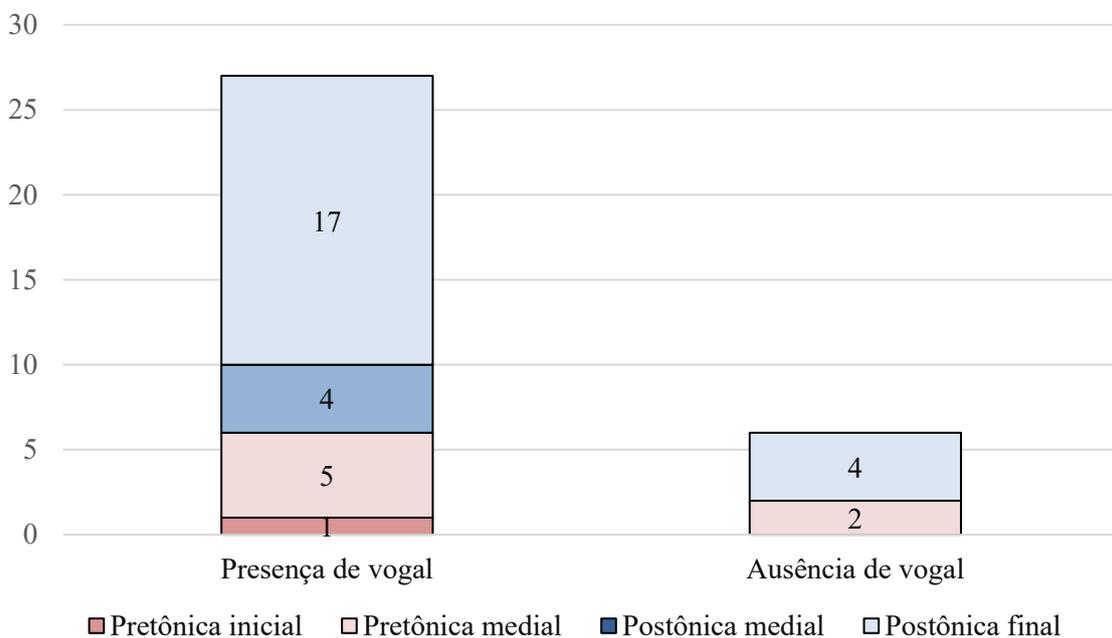
Desses seis dados, cinco ausências de vogais (*Sprit/sprait*, *notbook*, *saits* e *cicret*) dialogam com “consoante perdida” (Collischonn, 2000, p. 295) oclusiva alveolar e uma (*opnião*) com oclusiva bilabial. Como já citado, sequências consonantais iniciadas por oclusivas – bem como por nasais bilabiais e por fricativas desvozeadas – correspondem a contextos prototípicos de epêntese vocálica (Collischonn, 2006; Cristóforo Silva, 2011) e, segundo Collischonn (2000), a presença de oclusiva alveolar é favorecedora da aplicação da epêntese nas variedades das capitais do sul do Brasil.

<sup>8</sup> Os hifens utilizados nas grafias de *opinião* e *notebook* retratam a divisão silábica que ocorreu em final de linha.

No que concerne ao contexto das vogais cujas grafias não foram representadas nos dados desta pesquisa, têm-se as seguintes posições:

- (i) Pretônica medial, como em *opnião*, com 2 ocorrências;
- (ii) Postônica final, como em *Sprit*, com 4 ocorrências.

Assim como os casos de *presença* de vogal em contexto não prescrito pela convenção ortográfica, as ocorrências de *ausência* de vogal também se dão em contextos átonos. Devido à menor produtividade das grafias de hipercorreção, nota-se que os dados de ausência de vogal se apresentam justamente nas posições de maior frequência da presença não convencional de vogal, a saber: postônica final e pretônica medial, em ordem decrescente, como exhibe o gráfico 2:



**Gráfico 2:** Ocorrências de presença e ausência de vogal em relação à posição dentro do vocábulo

**Fonte:** elaboração própria

Apesar de discorrer sobre o fenômeno da epêntese em dados de escrita e de considerar unicamente as grafias que *não* seguem a convenção, os resultados desta pesquisa ilustrados no Gráfico 2 vão ao encontro da afirmação de Collischonn (2000) de que o fenômeno fonético-fonológico da epêntese é especialmente favorecido quando em final de vocábulo e em posição pretônica, sendo, portanto, o acento um condicionador da aplicação do processo.

## 5 CONCLUSÃO

O presente trabalho analisa as grafias não convencionais relativas ao processo fonético-fonológico denominado epêntese vocálica, como em *ritímo* (para *ritmo*) e *saits* (para *sites*), que corresponde à inserção de uma vogal entre consoantes em sequências de oclusiva, nasal bilabial ou fricativa surda e outra consoante. Para isso, foram utilizados 203 textos produzidos por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas urbanas do município de Ponta Grossa (PR).

Nesses textos, foram levantadas as ocorrências em que houve inserção gráfica da vogal não prescrita pela convenção ortográfica e ausência gráfica de vogal inicialmente prevista, totalizando 33 casos de grafias não convencionais. Dessas 33 ocorrências, 27 são de inserção de vogal, correspondentes a 81,8%, e 6 de ausência de uma vogal onde convencionalmente prevista, com 18,2%.

Em relação aos casos de inserção, observou-se o acréscimo de um grafema <e>, como em *internet* (para *internet*), ou <i>, como em *digindade* (para *dignidade*). Em 26 das 27 ocorrências, há a ressilabificação do vocábulo quando a vogal é acrescida, realocando a consoante para a posição de ataque da sílaba seguinte, como em *rit.mo - ri.ti.mo*, ou para a coda da sílaba anterior, como em *squin - es.quin*. Esse resultado se relaciona com o primeiro eixo proposto por Corrêa (2004), visto que o escrevente, ao tomar o material gráfico como um instrumento de gravação da memória sonora do falado, identifica a epêntese de [e] ou de [i] em cada vocábulo e, durante a escrita, insere essa vogal por meio do grafema <e> ou <i>.

Nos casos de ausência da vogal, identifica-se a *hipercorreção* em relação à epêntese, como em *saits* (para *sites*). A partir disso, compreende-se que o escrevente parte da existência de outros vocábulos grafados segundo a convenção ortográfica, como *pneu*, *déficit* e *internet*, e formula uma regra de hipercorreção, grafando os vocábulos com contextos semelhantes sem a vogal após as consoantes “mudas”. No que se refere aos três eixos propostos por Corrêa (2004) em seu Modo heterogêneo de constituição da escrita, verifica-se o segundo eixo, relativo ao imaginário sobre o código escrito institucionalizado, representado pela instituição escolar. Além disso, constatou-se que tanto os casos de *presença* de vogal não prescrita pela convenção ortográfica quanto as ocorrências de *ausência* de vogal prevista se dão em contextos átonos.

Os resultados desta pesquisa demonstram a circulação dialógica do escrevente pelas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, como proposto por Corrêa (2004), o que evidencia o caráter não dicotômico entre fala e escrita. Assim, aproximam-se estes resultados sobre grafias não convencionais àqueles acerca do processo fonético-fonológico de epêntese, como os obtidos por Collischonn (2000, 2006).

Por fim, este trabalho preenche a lacuna existente quanto a estudos acerca de grafias não convencionais relacionadas à epêntese vocálica por estudantes do sexto ano de Ponta Grossa. Espera-se que seus resultados possam (i) contribuir para futuras pesquisas sobre aquisição da escrita (de vogais), tendo em vista seu vínculo ao Projeto PROBRAVO, bem como (ii) alimentar a reflexão de professores em formação inicial ou continuada sobre o tratamento dado a grafias não convencionais em contexto escolar, tendo em vista a circulação dialógica do escrevente pelas práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, que perpassam, portanto, a complexidade de processos fonético-fonológicos categóricos e variáveis, tal qual a epêntese vocálica.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola, 2020 [1920].
- BATTISTI, E. Fonologia. In: SCHWINDT, L. C. (org.). *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BUGAI, T. M. C.; DIAS, J. A.; CARMO, M. C. Grafias não-convencionais de laterais alveolares em textos de alunos do Ensino Fundamental de Ponta Grossa. In: SILVA, S. M. et al. (org.). *Diálogos interdisciplinares: estudos sobre Língua, Literatura e Ensino*. Pontes: Campinas, 2021. p. 460-474.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- CÂMARA Jr., J. M. *Problemas de Linguística Descritiva*. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002 [1971].
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 [1970].

CARMO, M. C.; BUGAI, T. M. C.; DIAS, J. A. “Refrigerante” e “sargadinhos”: rotacismo e grafias não-convencionais de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental em Ponta Grossa (PR). *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, p. 137-153, 2020.

COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela Teoria da Otimidade. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 35. n. 1, p. 285-318, mar. 2000.

COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. *Revista Letras*. Curitiba, n. 61, p. 285-297, 2003.

COLLISCHONN, G. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 99-131.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDES, S. F. *Indícios de autoria em textos de opinião escolares escritos por alunos de 6º ano do ensino fundamental*. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

ROBERTO, T. M. G. *Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório*. São Paulo: Parábola, 2016.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer Fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.



Recebido em 14/03/2023. Aceito em 25/06/2023.